



ARTIGO ORIGINAL

**DE NÚCLEOS DE CURA A DESTINOS
TURÍSTICOS: A ORIGEM DO TERMALISMO
E O DESENVOLVIMENTO DAS ESTÂNCIAS
HIDROMINERAIS NA EUROPA**

***FROM HEALING FACILITIES TO TOURIST
DESTINATIONS: THE ORIGIN OF
BALNEOTHERAPY AND THE DEVELOPMENT
OF THERMAL CITIES IN EUROPE***

RESUMO

O trabalho explora as origens do termalismo no ocidente, abordando os primeiros registros de uso de águas termais com finalidade terapêutica e o desenvolvimento e dessa prática no campo da medicina. Investiga a relação entre o termalismo e o desenvolvimento do turismo ao longo do século XIX, identificando a infraestrutura e a organização espacial específica que se consolidou nas estâncias europeias desse período e que, posteriormente, influenciariam decisivamente na organização das estâncias brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE:

Termalismo.

História.

Turismo.

Amanda Cristina Franco

- Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela USP, onde pesquisou o desenvolvimento das estâncias hidrominerais em São Paulo. Foi professora do curso de arquitetura e urbanismo da FMU e arquiteta na Prefeitura Municipal de São Paulo.

CORRESPONDENTE

Amanda Cristina Franco

*Calle Ramiro de Maeztu, 7,
28040 Madrid, Espanha.*

E-MAIL

pamanda.franco@uol.com.br

Recebido: 30/05/2014

Aprovado: 10/11/2014

ABSTRACT

This paper explores the origins of hydrotherapy in the West, covering the first use records of thermal waters for therapeutic purposes and the development of this practice in medical field. It investigates the relationship between hydrotherapy and development throughout the nineteenth century tourism, identifying the infrastructure and the specific spatial organization that was consolidated in European resorts of that period and its subsequently and decisively influence in the organization of Brazilian resorts.

KEYWORDS: Hydrotherapy. History. Tourism.

O desenvolvimento de civilizações às margens de rios e orlas marítimas foi uma constante na história das cidades, pois atendia a uma demanda funcional, vital para a sobrevivência e para o desenvolvimento desses núcleos: a água permitia o banho, a higiene, a irrigação, a navegação, a circulação de mercadorias e a prática da pesca e da agricultura.

Desde as últimas décadas da República Romana, no entanto, a exploração das propriedades medicinais de fontes de águas termais no interior também passou a ser responsável pela formação de povoados. As casas de banhos ou balneários instalados junto às fontes deram início a núcleos cuja organização diferenciava-se dos demais com o objetivo de atender às especificidades das funções de cura e da sociabilidade que se desenvolveram nesses locais. Ao contrário das cidades tradicionais, marcada pelos assuntos relacionados aos negócios e à política, os núcleos termais primaram por um arranjo espacial onde fosse possível se desenvolver as atividades de descanso e cura.

Mais do que finalidade terapêutica, os balneários nessa época desempenhavam uma importante função social. As termas eram o principal local onde os cidadãos romanos praticavam o *otium cum dignitate*, ou seja, o ócio com dignidade, tempo livre liberado do trabalho, utilizado para o aperfeiçoamento pessoal, para a prática de atividades físicas, artísticas ou intelectuais, que dignificavam o indivíduo. Baseado no ideal romano *mens sana in corpore sano*, mente saudável em corpo saudável, que considerava a saúde uma consequência do equilíbrio perfeito entre as funções físicas e psíquicas, o tratamento termal buscava trabalhar a harmonia entre corpo e mente. Ao mesmo tempo em que tratava e purificava

o corpo nas salas de banho e de exercícios físicos, dispunha de bibliotecas e de recintos destinados a reuniões, leituras e debates.

Núcleos termais foram construídos em toda a extensão do Império Romano e serviam não apenas aos nobres, mas também aos soldados e populares, possibilitando a higiene - uma vez que a maior parte das casas não contava com o sistema de abastecimento de água, o combate à fadiga, a cura de feridas, o tratamento de males crônicos e o restabelecimento de energias. Segundo Públio Victor, em *Topografia de Roma*, no auge do Império havia mais de 800 termas, entre públicas e particulares, funcionando nos domínios romanos, entre as quais as mais famosas eram as de Tito, Paulo Emílio, Caracala e Diocleciano, tendo esta última capacidade para 3.200 banhistas no seu apogeu.

Paralelamente à importância cada vez maior que as termas assumiam na vida social do Império, desenvolveu-se uma ciência de captação, transporte, manutenção, tratamento e distribuição de água, cujos princípios inovadores formam a base de muitas das teorias da engenharia hidráulica utilizadas nos dias de hoje. Nessa época as águas foram pela primeira vez analisadas e classificadas em grupos, segundo suas propriedades químicas e indicações terapêuticas. Para cada tipo de doença era recomendado um tipo específico de água e de exposição. A tradição de 21 dias de duração para o tratamento termal, que corresponde ao período de máxima absorção das propriedades medicinais das águas pelo organismo, também foi estabelecida neste período.

A composição das termas antigas podia variar de acordo com seu tamanho, mas a maior parte contava com salas de banho quente, frio e temperado,

vestiários, pátio para prática de esportes, galerias porticadas, antessalas, bibliotecas, piscinas externas e jardins internos e externos que abrigavam as áreas de descanso e contemplação, nas quais os banhistas deveriam finalizar o ritual termal.

A presença de jardins e a integração do edifício termal com a natureza, fazendo desta parte integrante do tratamento termal, bastante comum nessa época, foram retomadas na maior parte dos estabelecimentos balneários construídos na Europa a partir do século XVIII e influenciariam também os balneários brasileiros a partir do século XIX.

Diversos documentos e registros literários comprovam que a cultura termal romana alcançou toda a extensão de terras conquistadas pelo Império, não só na Península Itálica, mas em várias cidades da Europa Continental, como Aix-les-Bains, na França, Baden-Baden, na Alemanha e Caldas de Malavella, na Espanha. Mesmo durante a Idade Média e grande parte do Período Clássico, quando a repulsa e o temor suscitado pelas águas, em especial as águas do mar, fizeram com que seu uso com finalidade terapêutica ficasse praticamente esquecidos, as virtudes das fontes termais e o prestígio das termas antigas permaneceram bastante presentes na sociedade europeia¹. A sociabilidade e as práticas específicas dos balneários romanos seguiram alimentadas por obras de literatura e por experiências esporádicas. Nesse período, diversas cidades que antigamente haviam abrigado núcleos termais ainda tinham seu nome derivado do termo romano *aquae*: Aix-en-Provence, Aix-le-Chapelle, Aix-les-Bains, Aix-en-Savoie, Aigues e Aiguesbelles.

Registros do uso das águas termais para finalidades terapêuticas são encontrados desde o início do século IX, como a iniciativa de Carlos Magno em transferir a capital do Império Carolíngio para Aix-le-Chapelle, na Alemanha, entusiasmado pelos efeitos benéficos das termas na recuperação e fortalecimento de seus soldados. A partir do século XVI, se tornou frequente a recomendação de banhos termais para reestabelecer as energias de soldados feridos em guerra. Foram construídas as primeiras vilas próximas às termas antigas que, por sua vez,

passaram a ser readaptadas e revisitadas. Surge também a preocupação do governo em controlar e manter as fontes e balneários. Em 1603, Henrique IV reservou as águas de Aix-en-Provence para oficiais feridos a seu serviço e, seguindo a recomendação do médico Roch de Baillif, criou os postos de superintendente e intendente geral, encarregando-os de vigiar e administrar todas as casas de banho do reino francês.

No entanto, o desenvolvimento desses núcleos foi lento e só a partir do século XVIII, com os primeiros sinais das mudanças econômicas e sociais que transformariam significativamente a Europa no século seguinte, juntamente com o desenvolvimento de alguns aspectos da medicina, que as estâncias europeias ressurgirão como importantes centros terapêuticos, restaurando a prática do termalismo na sociedade ocidental e revelando diversas influências herdadas das termas imperiais romanas.

Foi nesse período que se tornou frequente o discurso médico consagrando as virtudes da ingestão e imersão em águas termais e marinhas. A Academia de Medicina Francesa desempenhou nesse contexto um papel pioneiro procedendo às análises químicas das fontes e empreendendo pesquisas sobre hidrologia e a radioatividade das águas. Surgiu, especialmente na França, Alemanha e Inglaterra, uma série de publicações científicas exaltando as propriedades medicinais das águas e obras literárias resgatando a história e o prestígio das águas termais. Entre os principais estudos da época estão: *A História do Banho Frio*, do inglês John Floyer, de 1702; os estudos dos médicos ingleses Smollet sobre hidroterapia compilados em *Um Ensaio Sobre os Usos Externos das Águas*, e Richard Russel sobre *Os Efeitos da Água do Mar em Diversos Tipos de Doença*, publicados na Inglaterra em 1742 e 1753, respectivamente, e o trabalho do médico francês Dr. Maret *Dissertação Sobre a Maneira de Agir dos Banhos de Água Doce e Água do Mar e Sua Prática*, publicado em Bordeaux, em 1766¹.

A associação entre o termalismo e a cura de doenças de ordem neurológica tornou-se bastante comum desde a publicação inglesa *História da Melan-*

colia, de Robert Burton, ainda em 1621. De filiação claramente hipocrática e repleto de referências ao termalismo antigo, as afirmações de Burton exerceriam uma enorme influência sobre o comportamento dos aristocratas britânicos, impulsionando a emergência da moda do banho terapêutico e a prosperidade das estações termais, que se multiplicavam no interior do país. Contra a doença o autor traçou uma ampla estratégia em que a preocupação com o ambiente, os preceitos higiênicos e os cuidados corporais misturavam-se a uma sutil terapêutica da alma. Assim, o melancólico deveria escolher o local de sua moradia, em sítio seco, alto e onde predominasse um amplo horizonte. Citando o médico romano Celsius Aulus, Burton insistia nos benefícios da diversidade, aconselhando viagens e temporadas alternadas entre a cidade e o campo. Segundo ele, a prática de esportes como equitação, pesca, natação, futebol e boliche, conhecidos como *rural sports* bem como o passeio entre riachos e bosques, onde conferia destaque especial para o caráter aconchegante e intimista do jardim inglês, eram parte essencial da luta contra a melancolia: “um belo panorama”, segundo o autor, “por si só acalmaria a melancolia”.

Frutos das prescrições médicas e das pesquisas sobre o poder curativo dessas águas surgiram as primeiras casas de banho “cientificamente equipadas” para receber curistas. A audácia desses empreendimentos, que não mediram esforços para incorporar o que de mais moderno e confortável era oferecido na época em termos de arquitetura e de equipamentos, induziram ao desenvolvimento desses núcleos. O fluxo cada vez mais constante de membros da família real e da aristocracia, aliados às afirmações filosófico-literárias de Rousseau, Locke e Goethe sobre a função pedagógica da viagem, seduziram refinados consumidores de uma restrita elite intelectual e contribuíram para o prestígio desses núcleos no decorrer do século XVIII. As estações de água de maior expressão na Europa tornaram-se rota obrigatória das viagens de Grand Tour ao mesmo tempo em que se difundiam as temporadas de intelectuais da nobreza como os banhos do rei Eduardo II em Brighton, na Inglaterra; de Napoleão III e da Impe-

ratriz Eugênia em Vichy, na França, e de diversos membros da Família Real Portuguesa em Caldas da Rainha, Portugal.

Assim, ainda que baseadas em um autêntico projeto terapêutico propagado por médicos e higienistas, as modalidades sociais de propagação da vilegiatura nas estações balneárias constituíam um conjunto de práticas reduzidas às restritas esferas da Família Real, alta nobreza, artistas famosos e personalidades da época. Em uma época em que a alopatia ainda não havia se desenvolvido e que as práticas cirúrgicas ainda não eram correntes, as opções de tratamentos médicos disponíveis eram a infusão de ervas medicinais e o tratamento hidrotérmico. No entanto, as estadias prolongadas impostas pelo tratamento, as dificuldades de deslocamento da época e o fato de que a atividade hoteleira ainda não havia se desenvolvido, faziam com que essa experiência fosse restringida a parcelas reduzidas da população. Na Inglaterra e na França, principalmente, a alta aristocracia desempenhava um papel condutor, frequentemente as próprias famílias reais é que determinavam a criação ou a voga das estações, provocando um efeito da moda, que fascinava e influenciava camadas cada vez mais abrangentes da sociedade.

A vilegiatura termal nascida, a princípio, de um projeto terapêutico, passou a apresentar-se, a partir do século XVIII, como uma prática estritamente codificada, envolvendo a elite, estabelecimentos balneários e uma série de serviços complementares. Frequentados pela aristocracia e por uma exigente elite não demorou que as facilidades da vida urbana e algumas atividades de lazer fossem incluídas nos serviços oferecidos por esses estabelecimentos com a intenção de oferecer uma estadia mais confortável a seus hóspedes. Uma verdadeira arte de viver modelava-se nas estâncias. A maneira de estar junto, a convivência entre os curistas, os signos de reconhecimento e o desdobramento de estratégias de distanciamento e distinção que ordenavam o espetáculo social, duplicavam-se em profundidade com a elaboração de cuidados pessoais individuais relacionados a novos esquemas de apreciação e que

engendram modelos inéditos de comportamento. A “sociabilidade terapêutica” que se desenvolveu nesses núcleos funcionava como um dispositivo eficaz na luta contra a desarmonia da alma e do corpo, base, como se acreditava, de doenças como a melancolia, nessa época já bastante comum entre as classes aristocráticas.

Mais do que um interesse terapêutico, tornava-se cada vez mais evidente a valorização da vilegiatura e das atividades dela decorrentes – o deslocamento, a descoberta de novos lugares e novas possibilidades de relações sociais. Uma curiosidade tipicamente romântica por lugares desconhecidos, exóticos, que remetessem a uma natureza primitiva, onde a vida bucólica ainda era possível, e o encantamento pelo ato de deslocar-se das viagens fascinavam um público cada vez mais amplo.

A partir do século XIX, o ambiente natural das estâncias passou a apresentar-se também como uma alternativa à paisagem degradada das principais cidades europeias, fruto das transformações agrícolas e industriais que se manifestaram precocemente na Grã-Bretanha. A proliferação das indústrias, a expansão das cidades, o aumento populacional e a falta de moradias propagavam a imagem de uma “cidade doente”, marcada pelo tempo do trabalho e pelas lutas de classe. Ainda que o deslocamento para esses núcleos que, localizados longe das fronteiras de produção ainda mantinham relações estreitas com a natureza local, não estivesse ao alcance da massa de trabalhadores que se formava nos centros urbanos, a elite que se beneficiava dessa nova fase da economia frequentemente procurou nas estâncias refúgio para os males que assolavam as grandes cidades.

Assim, no final do século XIX, os banhos termais e marítimos, nascidos de uma proposta terapêutica e inicialmente praticados por membros de uma seleta elite, passarão a fazer parte do cotidiano de parcelas crescentes da sociedade europeia. Melhores condições de trabalho, a transformação dos dias santos em feriados, e o desenvolvimento do sistema de transporte ferroviário, que passou a possibilitar grandes deslocamentos em espaços de tempo relativamente curtos, acabaram acelerando esse processo.

Segundo Eugen Weber, em estudo sobre as transformações sociais na passagem do século XIX para o século XX², nessa época um número cada vez maior de pessoas passará a ter acesso ao lazer e a suas atividades, reservadas até então a uma pequena minoria. Entre 1890 e 1915, houve uma aceleração desse processo, marcando um “ponto culminante na história humana, até então, do curismo e do turismo” (p. 216). Foi nesse espírito que a palavra turismo, adaptada do inglês, começa a ser usada na França e em quase toda a Europa, descrevendo, como conta um dicionário da época “as perambulações e outras atividades de pessoas que viajavam por ócio, curiosidade ou simplesmente pelo prazer de viajar”².

A infraestrutura criada para atender às especificidades das atividades realizadas nas estâncias, com a instalação de estações de trem, parques, hotéis e balneários, bem como a própria necessidade de deslocamento e estadia prolongada imposta pelo tratamento, fizeram com que esses núcleos assumissem um papel de destaque no primeiro momento de desenvolvimento do turismo, apresentando-se como os primeiros destinos especificamente preparados para receber essa parcela da população que passaria a ter acesso às viagens de lazer.

Assim, a partir da metade do século XIX, as companhias ferroviárias, reconhecendo as possibilidades de trânsito de turistas, passaram a construir linhas especiais para o deslocamento destes, fazendo com que pequenas estâncias na Inglaterra e na França, como Brighton, Bath, Arcachon, Dieppe, Cannes, Nice e Biarritz, conseguissem suas linhas de trem muito antes de cidades maiores e outros importantes centros comerciais da época. Além disso, as estradas existentes foram consertadas e novas rotas foram traçadas. E, a partir do início do século XX, não era raro encontrar pistas de pouso de aviões instaladas próximo a hotéis de luxo das estâncias mais conhecidas.

Se até o fim do século XIX eram poucas as pessoas que tinham considerado as viagens de prazer uma possibilidade real, a partir de 1910 a maioria das estações de águas e de férias abandonou suas aspirações exclusivistas e decidiu atrair “a todos que

tivessem tempo e dinheiro para gastar²² (p. 237). A moderna e confortável infraestrutura criada para atender às classes privilegiadas foi estendida a uma parcela considerável da população que havia se beneficiado das novas condições econômicas decorrentes do processo de industrialização.

No fim do século XIX, o direito do trabalhador ao descanso e às atividades de lazer vai permeiar o discurso e as obras de filósofos, políticos e pensadores. Paralelamente ao conceito de que o trabalho é uma atividade benéfica e dignificante, defendida largamente por economistas, progressistas, pelo clero e por pensadores como Auguste Comte e escritores como Victor Hugo, a ideia do direito ao descanso e ao ócio, como um tempo livre destinado à recuperação das forças, aprimoramento e crescimento pessoal, com claras referências ao *otium* antigo, aparecerá em obras como *O Direito à Preguiça*, de Paul Lafargue (1880) e *O Elogio ao Ócio*, de Bertrand Russel (1935).

Governo e empreendedores, a partir do século XX, também lançaram iniciativas que visavam promover e organizar o turismo, considerado já uma atividade lucrativa. Surgiram na Itália, Alemanha, Áustria, França e Inglaterra, uma série de organizações e associações turísticas com a finalidade de planejar e explorar financeiramente esses deslocamentos, introduzindo a possibilidade e o desejo de viajar a uma parcela cada vez mais ampla da população. Em 1910, a França cria o seu *Departamento Nacional de Turismo* e, no mesmo ano o Estado Italiano autoriza os municípios a cobrar uma taxa de estância da população flutuante, destinada ao embelezamento dessas localidades. Em 1921, é criada a ENIT (*Ente Nazionale Industrie Turistiche*) e em 1926, nascem as primeiras associações autônomas locais, das quais faziam parte profissionais de vários setores com o objetivo de promover e organizar atividades turísticas. Ainda em 1926, foi promulgada uma lei que estabelecia medidas de tutela e fomento às estações de cura, de descanso e de turismo na Itália.

No começo do século, só na França, meio milhão de pessoas ganhavam todo o seu sustento, ou parte dele, na indústria termal. Em Vichy, que teve o número de seus habitantes quadruplicado durante o

Segundo Império, a Companhia Fermié, que dirigia o estabelecimento termal, empregava mais de 10% da população local entre pedreiros, funcionários do hotel, das termas e das empresas de engarrafamento de águas. Em 1890, apesar da depressão econômica que se encontrava a França, a cidade havia recepcionado 100 mil curistas, contra 20 mil da década de 1860, provando que, apesar das dificuldades, a indústria do lazer continuava progredindo².

Assim, a partir do final do século XIX, grandes investimentos públicos e privados operaram transformações significativas no tecido urbano dessas cidades. Ciente das vantagens econômicas que a exploração dessa prática poderia trazer, da possibilidade de se atrair um número cada vez maior de turistas e da necessidade de se providenciar para as estâncias melhores condições de conforto, calçadas foram criadas, ruas iluminadas, árvores plantadas e parques e passeios planejados. Foram construídos cassinos, balneários modernos, hotéis confortáveis, *villas* luxuosas, salas de reunião, salões de baile e teatros, aumentando a oferta e o conforto oferecido, tudo para tornar a vida mais agradável aos que procuravam tratamento.

Como resultado, esses investimentos fizeram com que as estâncias se distanciassem significativamente da configuração urbana das outras cidades desse período: tanto da imagem congestionada e insalubre dos grandes centros, quanto do isolamento e do bucolismo do campo. Existiam, em primeiro lugar, por causa das virtudes medicinais atribuídas às suas águas que justificavam a viagem de cura, isto é, uma permanência de várias semanas. Mas também eram, ou logo se tornavam, centros de lazer, cuja finalidade principal era providenciar acomodações, serviços e diversão a uma crescente clientela que desfrutava do tempo livre adquirido com as modernas formas de produção: as férias. O que havia começado como estação termal transformava-se em um mostruário de estilos de vida especificamente urbanos, propagando uma economia de consumo muito antes dessa surgir nas cidades convencionais. Mais do que uma alternativa à vida urbana nas grandes cidades, as estâncias buscaram providen-

ciar suas vantagens, sem os seus desconfortos, oferecendo “os recursos da cidade, em uma estadia quase que completa no campo”²² (p. 218).

A relação entre o desenvolvimento das estações de veraneio na Europa no fim do século XIX e os efeitos da Revolução Industrial foi abordada por Paolo Sica, em um dos raros estudos publicados sobre a história do urbanismo das estâncias balneárias³. Nessas cidades, chamadas por ele de *cidades do tempo livre*, a procura por ambientes naturais e pinturescos, as características urbanas diferenciadas e a grande variedade de produtos e serviços ligados ao lazer oferecidos pelas estâncias representavam uma alternativa à contaminação estética e higiênica da paisagem urbana tradicional dos grandes centros.

Nesse sentido, a arquitetura e a implantação desses edifícios tinham a importante função de construir uma imagem representativa dessas cidades. De fato, esses edifícios eram emblemáticos: uma estação de águas de prestígio no século XIX deveria possuir ao menos um estabelecimento termal de primeira classe, um Grande Hotel, cassino, agência de viagens e um parque de boas proporções.

Dominique Rouillard, em um estudo sobre o desenvolvimento das estâncias balneárias francesas no final do século XIX⁴, considera essas cidades “vilas mínimas”, pela capacidade de se desenvolverem a partir de poucos equipamentos voltados a uma atividade bastante específica. No entanto, ainda que uma cidade de águas pudesse se formar a partir de poucos edifícios, era necessário um grande investimento. Voltadas a uma parcela privilegiada da população, era preciso oferecer um padrão de luxo e conforto comparável ao das grandes capitais, o que envolvia grandes somas de dinheiro. As sociedades construtoras que visavam explorar as atividades de lazer desses núcleos eram formadas por personalidades expoentes das grandes cidades: industriais, políticos, negociantes e famosos advogados. Não raro notava-se que os mesmos empreendedores eram responsáveis por investimentos em várias estâncias.

Assim, o desenvolvimento desses núcleos caracterizava-se por uma ação voluntária e reflexiva de planejamento, cujo objetivo era explorar as ativida-

des decorrentes dos serviços de cura e lazer. Nessa perspectiva, os edifícios e a infraestrutura necessária para isso deveriam ser construídos em um espaço mínimo de tempo, com o máximo de signos estereotipados, permitindo dessa forma que, mesmo com poucos elementos, se pudesse conseguir a visibilidade desejada ao empreendimento a ponto de atrair ilustres visitantes.

Durante o século XIX e início do século XX, uma série de pequenos núcleos termais transformou-se em estâncias hidrominerais de prestígio a partir de uma intervenção profunda em seu território. Transformação essa que, segundo Maria Amaro em seu estudo sobre o desenvolvimento das estações balneares na Espanha⁵, baseava-se em dois requisitos básicos: o planejamento e a existência de um promotor.

O planejamento visava garantir um padrão arquitetônico e urbanístico de qualidade, capaz de diferenciar as estâncias das cidades tradicionais. A preocupação em construir um ambiente diferenciado, espacial e socialmente; foi comum a todas as estâncias formadas entre os séculos XVIII e XX. Ainda que morfologicamente essas cidades apresentem uma ampla variedade de tipos e formas: desde núcleos fundados *ex novo*, conforme esquemas regulares e geométricos, até traçados que se fundem organicamente na paisagem; passando por relações de continuidade aos tecidos urbanos pré-existentes ou de formação autônoma, claramente separados dos núcleos antigos é possível reconhecer algumas características comuns em sua configuração territorial. Como cidades do tempo livre, fazia parte dos planos, frequentemente, dotar esses núcleos de vastos espaços públicos, onde se pudessem realizar as atividades relacionadas às funções de cura, descanso e lazer. Nesse contexto, foi recorrente a presença de parques de grandes proporções permeando o tecido urbano dessas cidades, articulando o traçado de suas ruas e abrigando seus principais edifícios.

A ocorrência de generosos espaços públicos em grande parte do tecido urbano das estâncias fazia parte de uma estratégia de divulgação desses núcleos como espaços diferenciados em relação às cidades tradicionais. Os espaços verdes das estâncias

contrastavam com a imagem das cidades convencionais. A criação de grandes parques e a implantação estratégica de edifícios isolados em meio a extensas áreas verdes valorizavam os empreendimentos imobiliários e conferiam-lhes um caráter monumental, características essenciais às estâncias. Os amplos espaços livres não representavam perda de valor fundiário aos empreendedores, ao contrário, revertiam na valorização dos lotes particulares adjacentes e asseguravam o caráter aristocrático desses núcleos.

Rouillard⁴ destaca ainda que, nas estâncias, a qualidade dos espaços naturais, na maioria das vezes artificialmente construído, assim como o luxuoso padrão arquitetônico adotado, fazia parte de uma estratégia de publicidade desses núcleos. Assim, era comum a previsão de grandes áreas verdes não apenas em parques de grandes extensões, mas também em passeios arborizados ligando estrategicamente edifícios e espaços de maior importância: estação ferroviária, cassinos, hotéis, parques e balneários e no tratamento de zonas exclusivamente residenciais, criando praças, canteiros e passeios de pedestres. Essa iniciativa, ao mesmo tempo em que atraía a uma classe social privilegiada, interessada em usufruir um padrão urbanístico de qualidade, distinto do encontrado nas grandes cidades, também garantia o sucesso e a valorização do empreendimento imobiliário.

Alessandra Capuano, em um estudo sobre a arquitetura particular que se desenvolveu nas estâncias balneárias a partir do século XIX⁶, ressalta ainda o uso de outras tipologias e temas arquitetônicos específicos no traçado desses núcleos: além da presença de parques e passeios arborizados como elementos estruturadores e representativos do perfil de lazer dessas cidades, cita ainda a presença de pontes, na tentativa de criar cenários tipicamente românticos e de características pinturescas, e o emprego de *piers* e *waterfronts* nas estâncias litorâneas, marcando a interface entre a água e a cidade. Esses elementos, segundo Capuano⁶, utilizados inicialmente na perspectiva de conferir um padrão urbanístico diferenciado, acabaram criando uma relação de identidade com esse tipo específico de cidade, fa-

zendo com o que o imaginário popular rapidamente o vinculasse às funções de lazer e cura desempenhadas pelas estâncias.

Também no campo arquitetônico as estâncias se tornaram um modelo de modernização a ser seguido, comparável somente ao das grandes capitais. O caráter diferenciado que essas cidades voltadas ao lazer e à cura deveriam apresentar em função do conforto requerido pela clientela abastada que as frequentava fez com que água limpa, luz abundante, ar puro saneamento público e higiene nas casas fosse um padrão nos projetos urbanísticos adotados. Segundo Weber², as estações de águas foram pioneiras em planejar e desenvolver paisagens e ruas, tendo sua arquitetura, juntamente com a das grandes capitais, como Paris e Londres, aberto caminho para o uso de novos materiais como ferro fundido, cerâmica, estuque e vidro laminado. Cornijas, colgaduras, tapeçarias e estofos pesados também passaram a ser largamente utilizados e a moda do branco, em fachadas, pisos, paredes e mobiliários foi introduzida como que para evidenciar o caráter de asseio e limpeza dessas cidades.

Caráter esse que, muitas vezes, foi garantido através de rígidas medidas restritivas. Em meados do século XIX, a municipalidade de Wiesbaden, na Alemanha, proibiu a circulação de gado pelas ruas da cidade, o ato de estender e lavar roupas ao ar livre e uma série de outras práticas tradicionais “que não mais se podiam permitir em uma estância de águas”. A imagem da cidade ideal também deveria ser mantida no âmbito social. Proteger os clientes das atividades importunas e da visão incômoda dos miseráveis e indesejáveis era uma das amenidades que as estâncias deveriam providenciar. Em Vichy, na França, os mendigos que viviam apinhados nas ruas foram regularizados ou expulsos e os tratamentos termiais, que antes tinham sido grátis ou muito baratos, começaram a ser cobrados a preços tão altos, que se tornaram completamente inviáveis aos menos favorecidos. As reformas urbanas, que atingiam proporções cada vez maiores, demoliam edifícios acanhados, expulsavam os indesejáveis e renovavam o tecido urbano.

Tais características podem facilmente ser reconhecidas nas estâncias termais mais famosas do século XIX. Em Aix-les-Bains, na França, parques ocupam grandes áreas, estrategicamente espalhadas no tecido urbano da cidade; a via principal, que liga a estação ferroviária aos parques, cassinos e edifícios termais, é mais ampla em relação às demais e recebe tratamento paisagístico especial. Em Montecatini, na Itália, é espantosa a proporção do parque em relação ao tamanho da cidade. Esse parque, em forma de leque, abriga todos os edifícios termais e tem seu ponto de partida marcado pelo suntuoso edifício do cassino. Também em Uriage-les-Bains, na França, dois parques de grandes proporções e características pinturescas ocupam os extremos da cidade e organizam todo o seu traçado de forma linear, sendo interligados por uma via de grandes proporções, arborizada e margeada por um amplo passeio de pedestres que segue o fundo de vale onde a cidade está implantada.

O traçado urbanístico adotado nos planos para essas cidades também foi utilizado como elemento de grande importância no intuito de se construir um ambiente diferenciado. Não só o projeto destes, mas uma série de normas restritivas relativas a recuos, aproveitamento e padrões de construção, foi aqui especificada, muitas vezes de maneira pioneira, evidenciando a preocupação com a ordem e as características aristocráticas atribuídas às estâncias. Essas propostas foram essenciais para conferir um padrão urbanístico de qualidade, influenciando, mais tarde, projetos para outros tipos de cidade.

É nesse contexto que se destacam as propostas urbanísticas de traçado geométrico, estilo *beaux-arts*, criando eixos perspéticos e pontos de vista privilegiados, de forma a destacar seus edifícios principais, e também as soluções que se aproximavam das características pinturescas do paisagismo inglês, caracterizando-se pela ocupação de baixa densidade, pela sinuosidade das ruas e pelas grandes áreas reservadas a espaços verdes, evidenciando as características românticas e a busca por uma aproximação com a natureza, através da forma orgânica com a que suas ruas e seus edifícios estavam implantados e da maneira como o traçado das vias

propiciava a fruição da “cidade-verde” pelo pedestre. Para os grandes parques que invariavelmente faziam parte dos projetos apresentados, o paisagismo barroco de raízes francesas foi preterido em relação ao jardim inglês, cuja “desordem arrumada” interagiu mais diretamente sobre os sentidos, sugerindo a deambulação e a contemplação.

A arquitetura suntuosa, frequentemente adotada para os edifícios de cassinos, hotéis e balneários também era uma estratégia importante para a divulgação da imagem e do prestígio desses núcleos. Esses edifícios, de atividades voltadas ao termalismo e ao lazer, eram ícones das estâncias hidrominerais. Ainda que o prestígio inicial das estâncias hidrominerais tenha sido alcançado pelas propriedades terapêuticas de suas águas, foram as atividades ligadas ao lazer, especialmente os cassinos e hotéis, que garantiram, com lucros, a sua prosperidade. Esses equipamentos eram, ao lado das grandes áreas verdes que permeavam o tecido urbano desses núcleos, elementos emblemáticos dessas cidades do tempo livre. Muitas vezes, parques, passeios, clubes e cassinos eram privilegiados em detrimento de centros cívicos ou templos religiosos. A arquitetura desses edifícios, de traço clássico ou influência alpina, mas sempre monumental, e a sociabilidade específica desenvolvida em seus salões são representativas do ambiente de exceção que caracterizava esses núcleos.

Era bastante comum o edifício termal e, principalmente, o cassino ocuparem posição de destaque no traçado urbano dessas cidades, sendo evidenciados por sua arquitetura, implantação e pela criação de eixos perspéticos. A presença imponente desse edifício pode ser observada em praticamente todas as estâncias europeias, como em Vichy, em que o cassino de arquitetura típica do Segundo Império Francês, localiza-se na confluência dos eixos de seu principal parque, no centro da cidade; em Nice, onde é construído em plataforma sobre o mar, perpendicular à Promenade des Anglaise em Montecarlo, onde o edifício, projetado por Charles Garnier, localiza-se em perspectiva privilegiada, junto ao mar.

Além da importância simbólica, como edifício ícone da atividade de lazer dessas cidades, o cassino

tinha um importante papel no estudo da sociabilidade que se desenvolveu nas estâncias. Eram nos cassinos, ao lado dos salões de hotéis, onde melhor se podiam retratar as práticas sociais específicas que se desenvolveram nas estâncias de cura nesse período. Para Rouillard⁴, “o cassino começou a existir dentro do estabelecimento de hidroterapia. O jogo e o banho estavam fortemente ligados até 1900, como se o primeiro compensasse os males e desconfortos causados pelo tratamento com o segundo”. Nos salões de jogos luxuosos e nos amplos saguões dos hotéis acontecia o enfrentamento dos diferentes tipos sociais que frequentavam as estâncias: representantes da alta sociedade, damas da nobreza, jogadores profissionais, artistas e “mulheres de vida fácil”. Era um mostruário de estilos de vida urbanos, propagando uma economia de consumo muito antes dessa surgir em cidades tradicionais.

Uma vez que grande parte do sucesso das estâncias era determinado pela imagem, pelo prestígio e pelo conforto que essas cidades ofereciam, a figura de profissionais reconhecidos e o projeto urbanístico, como instrumento capaz de conferir e garantir a continuidade de suas características diferenciadas, foram elementos importantes na conformação desses núcleos.

Os planos urbanísticos e projetos para cassinos, parques, hotéis e edifícios residenciais realizados pelos arquitetos Baumeister, em Grünes Viertel, Alemanha; Charles Garnier, em Montecarlo, Mônaco, e Thomas Cubbit, em Brighton, Inglaterra, também podem ser vistos sob a mesma perspectiva da procura de um padrão diferenciado de arquitetura, urbanismo e paisagismo capazes de promover as estâncias.

A existência de um promotor, privado ou estatal, capaz de converter simples núcleos onde se encontravam fontes de água termal em estâncias de renome internacional foi também recorrente às principais estâncias formadas no século XIX. O grande número de empreendimentos realizados nas estâncias nesse período comprova que, ainda que os investimentos em obras de urbanismo e na construção de edifícios suntuosos fossem altos, o retorno financeiro era garantido, dado o perfil elitista de sua

clientela e a procura crescente pelas cidades de lazer no final de século XIX.

Vichy, na França, estação de águas que provavelmente maior popularidade tenha alcançado entre as estâncias europeias, é um exemplo típico do sucesso da união entre planejamento e promotor. Cidade planejada, seu urbanismo e sua organização influenciaram projetos de estâncias hidrominerais na Europa e em todo o mundo. Seu traçado, financiado em grande parte por Napoleão III, foi profundamente marcado pela presença de grandes parques onde estavam localizados seus principais edifícios. O principal parque, em forma de leque, onde se misturam jardins de influência francesa e inglesa, localiza-se na parte central da cidade e nele estão implantados frente a frente o estabelecimento termal de primeira categoria e o cassino. As outras termas (de segunda e terceira categoria) e os principais hotéis encontram-se adjacentes a esse e aos outros parques estrategicamente localizados na cidade. As condições naturais favoráveis das zonas de mananciais, o tratamento paisagístico das áreas públicas, a presença marcante do rio e a construção de parques (partes essenciais ao tratamento) em toda a extensão da cidade, permitiam que, em poucas décadas, ela se transformasse na estância mais frequentada da Europa, ultrapassando em número e prestígio as estações alemãs de Baden-Baden e Wiesbaden.

Cabourg e Paris-PLage, na França; Marienbad e Grünes Viertel, na Alemanha, e Brighton e Scarborough, na Inglaterra, são outros exemplos de pequenos núcleos termais que se transformaram em importantes estâncias graças a altos investimentos. Cabourg, cujo traçado urbano segue um esquema geométrico rígido, com ruas em forma de leque que confluem para o ponto central da cidade onde está localizado o cassino, e Paris-Plage, empreendimento de ruas sinuosas e extensas áreas verdes, ao estilo dos subúrbios anglo-saxões, só tornaram-se conhecidas após grandes investimentos de promotores privados, que traçaram suas ruas, demarcaram seus lotes e construíram seus principais edifícios.

Marienbad, uma das principais estações da Alemanha, desenvolveu-se a partir de um misto de investimentos públicos e privados, entre os quais se destaca o projeto de parques realizado por Vaclav Skalnik, em torno de 1820, e o plano de expansão urbana de Jiri Fischer, em 1850. Grünes Virtel alcançou seu apogeu nas últimas décadas do século XIX, mesma época em que Baumeister apresenta um plano para integração da estância, em 1894.

Na Inglaterra a maior parte das estâncias formou-se a partir de investimentos maciços de capital privado em empreendimentos imobiliários e obras de infraestrutura urbana. Destaca-se, nesse processo, o projeto em crescente curvilíneo aos moldes do *Regent Park* londrino, do arquiteto Thomas Cubbit para o conjunto de *Kemp Town*, em Brighton, e a construção de edifícios residenciais e equipamentos ligados às atividades terapêuticas e de lazer, claramente voltados a um público refinado e aristocrático, pela Companhia Cliff Bridge em Scarborough. Nesse empreendimento, o setor destinado aos turistas era separado do restante da cidade por uma ponte de acesso controlado, cujo objetivo era impedir o acesso das *improper classes*³.

Particularmente importantes no processo de divulgação dessas cidades na época foram os guias turísticos que começavam a ser publicados no final do século XIX, sobretudo na França e na Inglaterra. Propagavam a vida diversificada representada pela elite nas estâncias, descrevendo a espacialidade e a convivência festiva que se desenvolveu nos salões de hotel, cassinos, salas de banho e espaços públicos. Nos volantes publicitários que nessa época também se difundiram, as imagens mais frequentes retratavam festas, concertos, cassinos bailes e salões de hotéis.

Esses ambientes privilegiados e a sociabilidade específica desenvolvida nas estâncias marcada por distintos códigos de comportamento fascinavam a população e eram frequentemente retratados em colunas de jornais – que publicavam diariamente a lista de hóspedes dos mais famosos hotéis – contos, romances, novelas e peças de teatro publicadas a partir de meados do século XIX, do qual podem

ser extraídas ricas descrições destes ambientes. Escritores como Alexandre Dumas, Alphonse Kan e Charles Mozin propagavam uma imagem de glamour dessas cidades ao abordar, em suas obras, a elite e o cotidiano de festas que se desenvolveu nessas estâncias.

O mesmo Charles Dickens que retratou as condições precárias de vida nas grandes cidades também discorreu sobre salões finamente decorados e o comportamento da sociedade abastada que frequentava as estâncias. Seu romance *As Aventuras do Sr. Pickwick*, publicado em fascículos mensais no ano de 1837 na Inglaterra, descreve uma série de episódios protagonizados pelo Sr. Pickwick que ocorrem no balneário inglês de Bath. A descrição de Dickens dá uma ideia da animação das estações de águas, da preocupação em procurar alguma forma de diversão aos que se beneficiavam das “águas milagrosas” e dos famosos encontros que se sucediam às casas de bombas.

Panfletos de propaganda e guias turísticos, muitas vezes escritos em versos ou sob a forma de romances, também contribuíram para aumentar a popularidade que esses núcleos alcançaram nesses anos. Ambientes glamorosos e o cotidiano das estações de cura tornaram-se conhecidos da sociedade europeia e de toda aquela que tinha acesso aos livros e periódicos de grande tiragem publicados no período.

O caráter seletivo e aristocrático dessas cidades de características urbanas tão singulares que influenciou a construção de estâncias em todo o mundo vai permanecer na Europa, com raras exceções, até a Primeira Guerra Mundial, quando são descobertos novos remédios, mais eficazes que as águas termais ou radioativas, e quando, em um primeiro momento, a burguesia média e os *nouveaux riches*, depois, a massa de trabalhadores, beneficiada pela extensão das redes ferroviárias, pela abertura de novas estradas e pelas novas perspectivas econômicas e sociais que surgem no início do século XX, passará também a frequentá-las, inserindo novas práticas e dando um novo sentido às estações hidrominerais.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Nenhuma

CONFLITO DE INTERESSES

Declara não haver

REFERÊNCIAS

1. Corbin A. O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
2. Weber E. França Fin-de-Siècle. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
3. Sica P. Las Ciudades del Tiempo Libre. In: Madri.História del Urbanismo Siglo XIX, v.2. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1981.
4. Rouillard D. Le Site Balneaire. Bruxelas: Pierre Mardaga, 1984.
5. Amaro MAL. Balneário, Ciudad de las Aguas: su presencia en España. Ciudad y Territorio, 1991, 3(1): 213-231.
6. Capuano A. Architettura Sull'Acqua: alcuni temi compositive della città balneare in Europa e In America. Rassegna di architettura e Urbanística. jun.-ago.1992, 76/77(1): 117-132.